

## **Título: A ponte da vida**

Autora: Miranda Machado Rodrigues

Esta é a história dos meus avós. Real, verídica, de amor e de vida.

Os meus avós maternos são casados há quarenta e seis anos, mas conhecem-se desde sempre, pois eram vizinhos e conheceram-se em bebês. Há várias curiosidades na história deles, com imensas aventuras e momentos engraçados para desvendar. Chamam-se Zé Manel e Detinha, são muito ternos, têm um casamento sólido e autêntico. Eu acho-lhes muita piada, pois parecem adolescentes apaixonados, sempre a embirrar um com o outro e a fazer as pazes.

Viajemos, então até maio de 1954, data importante para se perceber toda a trama.

Ora, a minha avó Detinha tinha precisamente oito meses de vida quando o meu avô nasceu, por isso, era já uma bebé que conseguia ver alguma coisa do mundo em seu redor, apesar da sua tenra idade, e ninguém sabe o que ela pensaria.

O pai dela, o meu bisavô, era dono de uma padaria mesmo em frente à casa onde nasceu o meu avô Zé Manel. Produzia pão, broa, doçaria, abastecendo toda aquela zona da cidade, pelo que era sobejamente conhecido nas redondezas.

Naquele tempo, há 67 anos, muitos bebês nasciam em casa, com o auxílio de mulheres especialistas em partos, as parteiras. Não era habitual as mães darem vida aos seus rebentos nos hospitais, como atualmente. O meu avô Zé Manel nasceu, assim, na cama da sua mãe, num belo dia de maio, a seguir ao de Nossa Senhora, com cinco quilos. Era um bebé gorducho, extremamente saudável e muito grande.

Ora, logo após o seu nascimento, a parteira atravessou a rua, entrou na padaria com o meu avô recém-nascido nos braços, e pediu ao meu bisavô que pesasse o bebé, como era prática comum, e ainda hoje o é, de forma a aferir o estado de saúde do mesmo. Nunca ele imaginara que estava a pesar, na balança fria de aço, aquele que viria a ser o seu futuro genro e pai das suas netas.

A minha avó Detinha estava no seu berço, atrás do balcão, e viu logo o meu avô. Nós dizemos, na brincadeira, que ela ficou logo apaixonada pelas suas pernas gordinhas e pelos seus brilhantes olhos verdes. Como esta bebé era muito pequenina quando nasceu, já que foi uma criança que veio ao mundo prematura, nasceu com sete meses e 1,5 quilos, o seu pai adorou pegar naquele rapagão enorme ao colo e lembrou-se imediatamente da sua filha, que, à nascença, lhe cabia numa das suas enormes e robustas mãos.

Assim, durante toda a fase inicial da sua vida, a Detinha e o Zé Manuel moravam frente a frente. Ela numa casa luminosa por cima da padaria, e o Zé Manel num prédio, do outro lado da rua.

As estações multiplicaram-se, os anos foram somando vida e os meus avós crescendo.

Ocasionalmente, viam-se, conviviam e desenvolveram uma relação de amor-ódio, típica da adolescência, pois implicavam muito um com o outro e andavam sempre pegados. O meu avô pregava continuamente partidas à Detinha e ela ficava furiosa e amuava, cada um suspirando e gostando secretamente do outro.

Um dos momentos mais marcantes nessa infância e adolescência que ambos partilharam foi quando o Zé Manel, com doze anos, disse, literalmente, à minha avó, que ela já tinha “maminhas”, o que muito a ofendeu, ficando furibunda, porque, obviamente, já nutria sentimentos muito fortes por ele.

A Detinha, muito zangada, atravessou a rua e foi fazer queixa à minha bisavó paterna. Conclusão: ele ficou de castigo durante uns dias pela falta de respeito para com a menina e só não sofreu uma punição física, uma vez que os seus pais não eram abusivos, embora pertencessem a uma geração em que tal era prática comum, infelizmente.

Outra brincadeira que o meu avô fazia frequentemente era amarrar fio de pesca ao batente da porta de casa da sua futura esposa. Atravessava a rua, escondia-se atrás de um muro frontal alto, fazia a porta bater, pelo que a minha avó vinha à janela, mas

não via ninguém. Claro que ele, com os amigos, ficava a vê-la e a rir-se às gargalhadas da pequena maldade.

Depois de alguns anos e muitas marotices, birras e amuos, lá começaram a namorar, pois o amor tem sempre uma forma de se concretizar.

Dado que o meu bisavô considerava que eles eram muito jovens para ter um relacionamento, e desejava que a filha, primeiramente, terminasse os seus estudos, os meus avós encontravam-se secretamente e escreviam cartas de amor um ao outro. Normalmente, estavam juntos apenas no percurso entre as escolas de ambos e casa, porque estudavam em edifícios diferentes, já que, na altura, ainda não havia o ensino misto. O meu avô aguardava a Detinha à saída da escola e iam a pé, juntos, para casa. Foram conhecendo os parques e jardins da cidade e era habitual vê-los junto à Igreja românica de Cedofeita, aproveitando a sombra das árvores para esconder o seu amor.

Teriam eles cerca de dezoito anos, quando se aperceberam da existência de um concurso do Jornal de Notícias subordinado ao tema “Cartas de amor”. A minha avó, sem dizer nada ao namorado, enviou as cartas dele, ao longo de algum tempo, e ele ganhou várias vezes seguidas. O prémio era sempre 500 escudos, o que corresponderia a cerca de 132 euros, hoje em dia, e, para eles, bastante dinheiro. Entretanto, o meu avô passou a ser colaborador do Jornal de Notícias, na Página Literária dos leitores. No entanto, a determinada altura, enviaram-lhe uma carta a pedir que enviasse menos textos, porque acabava por ser quase sempre ele a vencer, logo, teriam que dar lugar a outros escritores.

Os meus avós casaram em 1976, construíram uma família, tiveram duas filhas e uma neta, estão juntos até hoje, tendo já muitas histórias para contar.

Têm tido uma vida muito interessante, mas marcada por alguns momentos difíceis, como quase todas as vidas. Viveram sempre com os pais da minha avó, porque o meu bisavô começou a adoecer muito cedo, devido ao facto de ter diabetes. Essa terrível doença trouxe-lhe muitos problemas, sofreu muito e teve que realizar muitas vezes intervenções cirúrgicas. Foi das primeiras pessoas em Portugal a colocar um pacemaker, um pequeno aparelho que é colocado debaixo da pele para controlar e promover os batimentos cardíacos. Ou seja, o seu fraco coração necessitava de ajuda para bater.

Inúmeros foram os momentos em que desesperaram por notícias, quando o meu bisavô estava doente. E várias foram as ocasiões em que o levavam ao hospital e não sabiam se ele regressaria.

Ora, num desses momentos desoladores, aconteceu algo muito triste, todavia, quase poético.

O meu bisavô chegou do hospital, após mais um período de internamento devido a complicações médicas. Chegaram, entraram na garagem, passaram a porta da entrada e subiram para o quarto. A escadaria era larga e alta, tendo um patamar a meio, onde repousava um espelho gigantesco, que refletia totalmente aquela parte da casa e as pessoas que na escada se encontrassem. A meio do percurso, o meu bisavô sentiu-se mal, o meu avô acabou por ampará-lo e, uns segundos depois, teve de pegar nele ao colo, invertendo o caminho, para regressarem ao hospital.

Após muitos tratamentos, bastante medicação, diversas complicações e intervenções, aos cinquenta e quatro anos, o corpo do meu bisavô cedeu a todo o sofrimento que vivera. Faleceu depois de um período internado em coma, tendo a sua família que tomar a pior e mais difícil decisão de suas vidas: desligar a máquina que o mantinha preso à vida, porque já nada mais havia a fazer por ele.

A última recordação e imagem visual que a minha avó tem do seu pai é ao colo do marido, frágil e leve, como um espelho de quando o viu pela primeira vez, acabado de nascer.

Hoje, o meu avô Zé Manel diz que a conexão entre eles era especial, porque, ambos, desde cedo, construíram uma ponte entre a vida e a morte: o meu bisavô pegou no meu avô ao colo mal ele nasceu e este levou-o ao colo quando foi, pela última vez, para o hospital, antes de falecer. Uma linha muito forte, mas simultaneamente ténue,

como se o genro estivesse desde sempre destinado a acompanhar o sogro, auxiliando-o no final da sua vida, tal como ele o tinha acolhido, cheio de carinho e orgulho, no início da sua.

Nota: obtive autorização dos meus avós para contar a sua história e tenho muitas ilustrações da mesma, que não consegui enviar por esta plataforma.